

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT09.018

OUVINDO SILÊNCIOS, TECENDO SENTIDOS: A CRIANÇA COMO CURRÍCULO VIVO

Sílvia Elaine da Rocha Silva Pontes¹

Juliana Alves dos Santos²

Evaneida Soares Carneiro³

A concepção de criança tem se transformado ao longo do tempo, hoje esse conceito tem como premissa a criança como sujeito histórico e de direitos, produtora de cultura, que constrói sentidos sobre o mundo. Diante disso, compreendemos que meninos e meninas aprendem e se desenvolvem com base nas experiências cotidianas diversificadas e significativas que lhes são oportunizadas. Dessa forma, cabe promover descobertas, interações, e ambientes que reconheçam e valorizem sua autonomia e potência inventiva.

Garantir a participação das crianças em contextos ricos de interações e expressões é essencial para o seu pleno desenvolvimento. Esses momentos possibilitam experiências significativas, nas quais o tempo, as escolhas e a autonomia infantil são respeitados. As crianças, em sua potência criadora, comunicam-se continuamente por meio de linguagens expressivas, sensoriais, imaginativas e poéticas que revelam seus encantamentos e percepções do mundo. Para que essas manifestações sejam,

- 1 Doutora pelo Curso de Ciências da Educação da World University Ecumenical-WUE, elaine-rocha.1995@hotmail.com;
- 2 Mestre pelo Curso de Ciências da Educação da World University Ecumenical-WUE, julianaa-sufc@gmail.com
- 3 Mestra em Avaliação de Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará – UFC, evaneidacarneiro04@gmail.com;

de fato, escutadas, é preciso que o adulto silencie suas certezas, suspenda julgamentos e ressignifique suas concepções sobre a infância, abrindo-se à escuta atenta das sutilezas que as crianças revelam em cada gesto, olhar e silêncio.

Essa premissa parte do princípio de respeitar o movimento, o brincar, à arte, o tempo, as escolhas, as emoções, as participações, as descobertas, as escutas, as falas, os pensamentos e as imaginações. O cotidiano pedagógico deve estar pautado nas interações com os sujeitos, com os objetos e com os espaços. As paredes das instituições documentam. A sala de referência descreve com clareza a forma com que cada educador enxerga a criança e sua maneira singular de pensar o mundo. O pertencimento infantil acontece de maneira rica e própria por intermédio das brincadeiras e interações que lhes são oportunizadas. Para exercer a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar.

Os espaços podem favorecer o desenvolvimento do encantamento por meio dos sons, formas, sabores, aromas, cores e texturas. No entanto, não se limitam apenas aos materiais e ambientes físicos, mas também se constituem a partir dos vínculos que cada criança constrói e das relações interpessoais que observa e vivencia, expressas em forma de cultura.

É necessário pensar os detalhes, afinar o olhar que documenta momentos únicos, rever os espaços e ambientes e entender que eles comunicam linguagens e aprendizagens e devem ser pensados cuidadosamente para apropriação da criança. A prática pedagógica só é completa quando acreditamos na inteireza da infância, dessa infância ressignificada nos valores da criança.

A criança é inteira, ela é livre para protagonizar suas aprendizagens e criatividade. Elas transformam significados e tornam visíveis as delicadezas do cotidiano. A criança é poesia inédita, é uma fonte inesgotável de possibilidades. E cada educador tem uma missão importante de oferecer subsídios necessários ao pleno desenvolvimento infantil, pensando com

cuidado os ambientes, os materiais e situações estimulantes que favorecem e enriquecem o repertório da infância.

Nesse sentido, o currículo deve ser cuidadosamente planejado e embasado em uma intencionalidade pedagógica, permeada pelo desejo de promover ações educativas com o intuito de despertar a curiosidade de meninos e meninas. Logo, o professor como mediador do conhecimento, deve estar atento às ações, os gestos, os gostos e as falas de todas as crianças. Promovendo a autonomia delas e o respeito às diferenças por meio de estratégias metodológicas contextualizadas que possibilitem situações de aprendizagem e desenvolvimento integral.

Nessa perspectiva, o currículo das instituições de Educação Infantil deve ser organizado para que todas as crianças tenham acesso às diferentes formas de aprendizagens. Assim, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI's, 2009), considera que “as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira” (Brasil, 2009, p. 25).

Diante disso, é necessário uma prática intencionalmente planejada, proporcionando experiências relevantes que promovam a aprendizagem e o desenvolvimento de bebês e crianças no cotidiano escolar, considerando a interação com seus pares, com outros adultos, com objetos e em novos espaços. É possível ampliar o conhecimento e a visão de si e do mundo, propiciando diferentes aprendizagens e descobertas significativas. Dessa forma, as descobertas e significados são construídos a partir de uma escuta sensível e de uma observação atenta dos bebês e crianças em cada unidade educacional.

A ESCUTA SENSÍVEL E O OLHAR ATENTO NA GARANTIA DO DESENVOLVIMENTO PLENO DAS CRIANÇAS

Escutar é adentrar em um mundo de pertencimento do outro, é buscar perguntas para aquilo que não tem uma resposta pronta, pois é preciso ter sensibilidade aguçada e coragem de transpor o imaginário

para o mundo real. A aprendizagem acontece num entrelaçamento entre informação, conhecimento e saber: [...] “A escuta sensível apoia-se na empatia. O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para compreender do interior, as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias e valores, de símbolos e de mitos”. (Barbier, 1994, p. 94).

Escutar não acontece apenas através do “ouvir” vai além das expectativas de uma proposta. Escutar é entender aquilo que o silêncio que dizer, é compreender os olhares, acolher o choro e investigar ações que auxiliam no desenvolvimento integral das crianças.

As relações de interações entre crianças e adultos, constituem-se por intermédio central de concretização de uma pedagogia participativa (Oliveira-Formosinho; Formosinho, 2011), e somente na escuta que se efetiva o diálogo, as relações e interações. Apenas dessa forma é possível o desenvolvimento de práticas educativas que respeitem as crianças, considerando os seus genuínos desejos, necessidades, habilidades, curiosidades, etc.

Existem caminhos a serem percorridos para ressignificar os espaços e as experiências, e isso é possível quando observamos as crianças, na sua escuta integral e no que ela expressa. Nós professores e gestores, precisamos nos dispor de processos engessados e burocráticos e dar início a uma pesquisa que envolve o interior de mundo da criança, entendendo o que produz sentido e significado para elas.

Temos que estar conectados com aquilo que interessa às crianças isso inclui um aprofundamento na cultura de suas brincadeiras, músicas, gostos, repertórios, histórias etc. Nesses percursos nos encontramos e nos relacionamos com meninos e meninas, e adentramos no seu mundo e enriquecemos nossa prática.

A voz que determina ações precisa ser calada e dar vez ao silêncio das pausas do contemplar, do observar, do registrar. O cotidiano da infância é muito profundo em detalhes e requer o olhar atento e uma escuta sensível, cada ação minimalista possui um significado dilatado. Como bem

escreveu Manoel de Barros, precisamos ser “caçadores de achadouros da infância”.

Através da escuta compreendemos e adentramos em universos singulares de cada menino e menina. Esses precisam viver plenamente sua cultura e se perceber nos espaços como um protagonista de investigações extraordinárias.

Os olhares similarmente expressam ideias, desejos, indagações, inquietações, afetos, aconchegos, motivações, entre outras inúmeras maneiras externadas pelo bebês e crianças. Em face disso, se faz necessária uma mudança de postura de educadores, gestores, cuidadores, estudiosos e pesquisadores: a mudança ética e metodológica, de estruturar as propostas levadas às crianças. É inescusável ficarmos em lugar de ouvintes, aprendizes e mediadores das descobertas. Os adultos têm seu papel, e o mesmo não precisa ser visto como um detentor de experiências, porém, alguém que oportuniza as experiências e permite que as crianças descubram por si mesmas suas potencialidades.

É extremamente difícil conter a impulsividade que o professor e/ou adulto de referência traz consigo enraizado, de querer interromper as ações, o imaginário, tentando corrigir, mostrar, ou ensinar algo. Há grande dificuldade em se conter. Pensamos que confiar que as crianças são potentes e que têm a capacidade de ‘desatar’ os nós, resolver os problemas, descortinar os atalhos, nos coloca em lugar de pesquisadores de aprendizagens que acontecem no ritmo delas, entre elas e sem a participação constante dos adultos.

Para explicar melhor esse contexto, que garante a voz da criança, Tonucci (2005, p.18) trata dessa dificuldade de comunicação que se manifesta pelo não escutar:

[...] para que as crianças possam expressar e tenham desejo de fazê-lo, é preciso que os adultos saibam ouvir.” Isso não significa apenas ouvi-las, mas procurar, compreender, dar valor às intenções verdadeiras de quem fala. Todas as crianças falam, mas nem sempre os adultos são capazes de perceber a mensagem. Especialmente as crianças que falam pouco e que expressam mal, têm certamente coisas importantes a dizer

e esperam apenas os adultos capazes de ouvi-las e de compreendê-las.

A imaginação e a criatividade das crianças não possuem limites, e precisamos valorizar a sensibilidade estética na interpretação que estabelecem com o ambiente, como o mundo e com as outras crianças. O papel do professor é colher pistas através das observações para ampliar esse percurso exploratório.

Uma prática baseada na escuta e observação de crianças depende das sutilezas das relações, bem como da sensibilidade do nosso olhar para com nós mesmos. Só a partir disto é possível desenvolver um olhar verdadeiramente curioso e cuidadoso para o outro e para o novo.

Escutar é um mergulho profundo, é sensibilidade, é emoção, é adequação das práticas que oferecemos. O professor é, portanto um pesquisador, que de forma contínua se questiona e assume atitudes sensíveis e disponíveis de avaliação das experiências que oferece.

A primeira ideia que precisamos ter em mente, é o nosso conceito de criança e de infância. As nossas formas de significar esses aspectos norteiam na prática o que a gente acredita. As ações de um professor para com as crianças explicitam o respeito, vínculo e cuidados que possui e oferece.

A criança de hoje, exige mais que uma qualificação de habilidades e metas a serem atingidas. Os meninos e meninas buscam um olhar complexo, que enxerguem as sua curiosidade por diversas camadas. É preciso compreender a evolução estética que vai muito além da arte propriamente dita, é necessário ter uma integração mais profunda de pensamento e percepção.

O professor é um pesquisador que escuta as crianças e tem um olhar sensível, quando o mesmo coloca a criança na centralidade do seu planejamento. Esse objetivo de tornar a criança partícipe subsidia um contexto de curiosidades, e pesquisas que legitimam ações com confiança e conforto para que as mesmas possam expor suas inquietações e desejos nas construções que participam e criam.

Exercitar e praticar a escuta das crianças é perseguir a compreensão de seus modos de sentir, pensar, fazer, perguntar, desejar, planejar. É também um modo de aproximar-se das tensões, das situações conflitantes, das cooperações, das interferências e das alegrias provocadas quando um grupo de crianças se encontra (Brasil, 2009, p. 102).

Nas interações que as crianças estabelecem, elas se apresentam em sua totalidade. Nas brincadeiras do cotidiano na instituição de Educação Infantil, a criança desenvolve sua autonomia e se expressa através das múltiplas linguagens. Essas linguagens podem se apresentar de diversas formas: orais, corporais, musicais, sociais etc. Cabe ao professor identificar as linguagens que intensificam e estimulam o mundo multifacetado que as crianças habitam.

A 'pedagogia da escuta' estabelece uma nova concepção de professor, aquele que ressignifica a infância, e concebe novas possibilidades de ampliar o currículo. O currículo por sua vez considera as curiosidades genuínas da criança de modo que os ambientes também sejam planejados para promover investigações criativas. Embora não se trate de algo espontâneo, pois requer uma preparação, os ambientes devem ser organizados e projetados por uma ação intencional que tem como foco, a criança.

A criança atribui sentido ao mundo, num processo constante de construção de si, de sua autonomia e pertencimento. A mesma também constitui elemento de pesquisa, que através dos seus desdobramentos e descobertas fornecem objetivos de mergulhos para que o professor investigue e conheça seu mundo interno de forma intrínseca. Ouvir o que elas têm a dizer, ou compreender suas expressões e linguagens constitui uma maneira privilegiada de acreditar na infância e nas múltiplas possibilidades.

A educação contemporânea exige um processo dialógico participativo que respeite a visão do todo, que repense colocações e transforme a complexidade em objetos de estudos. A observação dar um significado diferente e ampliado do fazer docente atual e a escuta está diretamente ligada com as oportunidades de ressignificação do cotidiano.

Nessa maneira é necessário encontrar formas de ouvir as verdadeiras interpretações, escutar é precisar do outro, é o compartilhamento de sensibilidades que nascem com a confiança entre professor e as crianças. A escuta por sua vez não acontece simplesmente ao “ouvir”, ela se difere de julgamentos de conceitos antigos e parados de que a criança é pra ficar calada.

A escuta é uma estratégia fundamental, inovadora que amplia o repertório dos direitos das crianças de manifestar suas ideias, desejos, argumentos, escolhas e o professor é um ouvinte por excelência e um ‘caçador de achadouros’ repletos de significados.

Toda aprendizagem parte da premissa da escuta. O educador deve estar atento às manifestações. Um exemplo de escuta sensível que podemos exemplificar como pertencente ao nosso cotidiano diário é a roda de conversa, que exprime em si um exercício democrático de expressão, participação e socialização de vivências. A roda de conversa privilegia a oportuniza o diálogo, amplia a ideia de pensamento e imaginação. A mesma também é acolhedora, é singeleza que acolhe, é confiança que se estabelece e onde nasce à escuta cotidiana e participativa.

Oliveira-Formosinho defende a escuta cotidiana e participativa:

A escuta, tal como observação, deve ser um processo contínuo no cotidiano educativo, um processo de procura de conhecimento sobre as crianças (aprendentes), seus interesses, motivações, relações, intenções, desejos, mundos de vidas, realizados no contexto da comunidade educativa procurando uma ética contínua de reciprocidade (Oliveira-Formosinho, 2007, p. 33).

O contexto significativo das possibilidades caminha paralelamente, pela escuta e pelas observações que juntas potencializam um planejamento centrado na criança. A observação é um instrumento indispensável no acompanhamento e delinear das aprendizagens das crianças.

A abordagem pedagógica construída em Reggio Emilia, no norte da Itália, que teve como idealizador e coordenador Loris Malaguzzi, nos

coloca em reflexão sobre uma pedagogia da Infância que coloca a criança como uma posição central na prática pedagógica.

O real sentido da escola está nos desdobramentos que acontecem através do olhar, da escuta, dos afetos, das construções, das resoluções de conflitos, no descobrir e redescobrir. A instituição de Educação Infantil deve valorizar as singularidades, as produções, os saberes espontâneos que vêm imbuídos em cada menino e menina.

Dessa forma compreendemos e acreditamos que a escola é um ambiente potencializador de crenças, desejos, fantasias, valores. Vygotsky (2003, p.77) ainda confirma que a “educação é realizada através da própria experiência do aluno, que é totalmente determinada pelo ambiente”. A cultura da infância se amplia nas relações de espaços acolhedores que extingue as formas universalizantes e impessoais de lidar com as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças nos ensinam constantemente sobre si mesmas e revelam a riqueza de estarmos atentos às suas aprendizagens. Todo espaço é espaço de aprender, desde que acolha e ofereça oportunidades que expressem e pertençam à cultura da infância.

A observação e a escuta sensível constituem ferramentas essenciais: permitem compreender interesses, dar continuidade às experiências e avaliar práticas pedagógicas. Mais que interpretar fatos, a escuta é uma atitude dialógica que cria vínculos, legitima vozes e reconhece a criança em sua inteireza.

Nesse sentido, o papel do educador se aproxima ao do artista: alguém capaz de perceber, criar e atribuir sentido às descobertas da infância. Seu compromisso é favorecer múltiplas linguagens e sustentar o protagonismo das crianças em contextos de bem-estar, curiosidade e encantamento. Ser professor que faz a diferença é, portanto, zelar pela qualidade das propostas, assegurando experiências significativas que iluminem os percursos cognitivos e existenciais das crianças.

REFERÊNCIAS

BARBIER, René. **Sobre o Imaginário**. Em Aberto. Brasília: v. 14, n. 61, p. 15-23, jan/mar, 1994

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, 2009.

OLIVEIRA - FORMOSINHO, Júlia. **Pedagogia(s) da infância**: reconstruindo uma práxis de participação. In. OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. Modelos de curriculares para a educação de infância: construído uma práxis de participação. Portugal, 2007. p. 32-33.

TONUCCI, Francesco. **Quando as Crianças Dizem: Agora Chega!** Tradução. Alba Olmi. Porto Alegre: Artmed. 2005.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: ArtMed 2003.